Sete Mitos sobre o Vietnã

Mito #2
O impacto das Regras para Combate do Pentágono em nossas capacidades militares tem sido grandemente exagerado.

É quase impossível exagerar o impacto negativo que as Regras de Combate (ROE), politicamente impostas, tiveram no moral e no desempenho de nossas Forças. De fato, os poderes políticos, tanto nas administrações Democratas como nas Republicanas, compreenderam bem que as restrições impostas a nossos homens eram tão claramente imorais e desarrazoadas que o público americano ficaria indignado se tivessem tido publicidade. Dessa maneira, as Regras foram mantidas em segredo e os soldados e comandantes tinham ordens de não fazer menção a elas. Apenas em 1985, dez anos após a tomada do Vietnã pelos comunistas, o Senador Barry Goldwater conseguiu a desclassificação do sigilo das Regras. As Regras de Combate ocuparam 26 páginas do *Congressional Record* (6, 14, e 18 de março de 1985). Resumindo algumas das mais abomináveis das Regras, Goldwater disse:

Aquelas pilhas de restrições, em mutação constante e quase impossíveis de memorizar ou compreender, embora fossem exigidas de nossos pilotos, mandavam respeitar grandes áreas de "santuário" para o inimigo. Quando algumas barreiras foram, afinal, levantadas, após repetidos apelos do Estado Maior Conjunto, elas o foram gradual e, incompletamente para servirem a propósitos estratégicos. Numerosas suspensões parciais ou completas dos bombardeios, diminuíram a eficácia das campanhas de bombardeio prévias. Freqüentemente, após áreas limitadas serem liberadas para bombardeio, a permissão era retirada inesperadamente, cancelada e retirada logo em seguida. Quais eram algumas dessas regras?

1) Sítios de mísseis terra-ar não podiam ser atingidos, quando em construção, somente após entrarem em operação;
2) Não era permitido aos pilotos atacarem MiGs comunistas estacionados na pista. Somente poderiam fazê-lo quando estivessem no ar, tivessem sido identificados e mostrado intenções hostis. Mesmo assim, a base de onde saíram, não poderia ser bombardeada;
3) Estacionamentos de caminhões militares localizados a pouco mais de 180m de qualquer rodovia não poderiam ser atacados;
4) Se não houvesse um militar sul-vietnamita na aeronave, era proibido bombardear tropas inimigas que estivessem combatendo os nossos, mesmo que os "vermelhos" estivessem claramente visíveis e estivessem sendo apontados por um oficial no solo. As bombas do avião eram jogadas fora, no mar.[5]

Em 1972, o Brigadeiro John D. Lavelle foi exonerado de seu comando do 7º Grupamento da Força Aérea Vietnã, por proteger seus homens contra um ataque iminente de caças soviéticos que estavam sendo posicionados em santuários quase na fronteira, no Vietnã do Norte. Novos relatos dão conta de que o Brigadeiro Lavelle ordenou ataques contra as bases do inimigo, *"depois de seus pilotos terem visto e fotografado uma escalada de 5 meses no número de caças MiG soviéticos em três aeroportos, em frente à zona desmilitarizada, junto à qual havia, também, sítios de mísseis terra-ar e canhões pesados de 130mm, baterias anti-aéreas e tanques."*[6]

O Brigadeiro Lavelle declarou:

> *"Naquele tempo, como comandante do local, preocupado com a segurança de meus comandados e, ao mesmo tempo, tentando brecar a escalada destinada à invasão do Sul por Hanói, achei que minhas ações tivessem sido plenamente justificáveis."*[7]

Em seu depoimento no Subcomitê das Forças Armadas da Câmara dos Deputados disse: *"Se eu tivesse de fazê-lo de novo, eu o faria da mesma maneira"*.[8] Incrivelmente, na mesma semana em que Lavelle foi deposto, os norte-vietnamitas lançaram uma grande ofensiva contra o Vietnã do Sul, levando o Presidente Nixon a suspender a aplicação das Regras que Lavelle foi acusado de violar. Nixon, então, ordenou ataques aéreos estratégicos contra alguns dos alvos que o Brigadeiro havia escolhido.[9]

O Brigadeiro Frederick C. "Boots" Blesse, um ás dos conflitos da Coréia e do Vietnã, disse o seguinte das Regras no Vietnã:

> *"Lutamos na guerra sob um grande número de restrições. Numa semana, podia-se atingir um alvo, noutra, ele entrava na lista "no!-no!". Se se estivesse em uma missão que envolvesse Hanói e divisasse um trem ou outro alvo de oportunidade, era-se obrigado a deixar passar, pois não se tinha autorização. Tínhamos que*

[5] Congressional Record – Senate, March 6, 14, and 18, 1985, p. S2632.
[6] St. Louis Globe Democrat, June 13, 1972, as quoted in John Stormer, None Dare Call It Treason ... 25 Years Later (Florissant, Mo.: Liberty Bell Press, 1990), p. 236.
[7] Ibid.
[8] Ibid.
[9] R. D. Patrick Mahoney, "The Tragedy of Southeast Asia," THE NEW AMERICAN, February 1, 1988, pp. 33-34.

assistir à construção de sítios de mísseis e não podíamos atingí-los, pois poderia haver um ou outro russo auxiliando na construção. Pensávamos que, se o sítio fosse destruído precocemente, poderíamos fazê-lo, sempre um de cada vez. Esperando, eles construiriam um anel de sítios e, enquanto se estivesse atacando um deles, outro estaria nos alvejando. Se houvesse russos era porque eles quiseram estar lá. Deviam arriscar-se como nós, ao ajudar outro país".[10]

"Sempre aprendi, como oficial que, se você está perseguindo um inimigo, você o persegue até matá-lo ou até que ele se renda" disse o General Harry W.O. Kinnard, general Comandante da 1ª Divisão de Cavalaria, fazendo eco a virtualmente todos os oficiais americanos no Vietnã. *"Não ir atrás deles até no Camboja violava todos os princípios de guerra... Tornou-se perfeitamente claro para os norte-vietnamitas que lá eles teriam santuário; eles poderiam chegar quando estivessem prontos para lutar e fugir, quando tivessem cumprido sua missão".*[11] Kinnard continuou:

"Quando o General Giap diz que aprendeu como lutar contra os americanos e seus helicópteros em Ia Drang, está dizendo bobagem! O que ele entendeu, de fato, é que não nos seria permitido perseguí-lo através de uma linha imaginária na poeira. Daquele ponto em diante, ele podia sorrir. Podia-nos atrair para a luta onde e quando desejasse. E onde era isso? Sempre a uns poucos quilômetros da fronteira, onde suas linhas de suprimento eram as mais curtas e onde a preponderância de forças era dele e onde ele já havia explorado o terreno intensamente e o conhecesse melhor do que nós".[12]

"A região de Ia Drang era rica em água potável e para cozinhar arroz", lembra o General de Brigada Harold G. Moore em seu bestseller sobre a guerra do Vietnã, We Were Soldiers Once... and Young (Fomos Soldados Uma Vez... e Jovens). "*O melhor de tudo para o Exército Popular do Vietnã era sua localização na fronteira do Camboja. Os vietnamitas comunistas iam e vinham à vontade, através da fronteira; nós éramos proibidos de atravessá-la".*[13] *"Sabíamos perfeitamente"*, diz Moore, *"que os três regimentos norte-vietnamitas contra os quais havíamos lutado em Ia Drang haviam-se retirado para dentro do Camboja. Desejávamos perseguí-los, ainda no calor da luta, por terra e por ar, mas éramos impedidos pelas Regras".*[14]

Disponível em <http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=3262>.

---

[10] Major General Frederick C. Blesse, " (New York: Ballantine Publishing, 1987), p. 182.
[11] Lieutenant General Harold G. Moore, We Were Soldiers Once ... and Young (New York: Harper Torch, 2002), p. 438.
[12] Ibid., pp. 438-439.
[13] Ibid., p. 54.
[14] Ibid., p. 438.